autuado por Anderson Rogério de Souza em 16/08/2024 17:55:37.

CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

12º GV - Vereadora Elaine do Quilombo Periférico

PL ____/_____

Altera a denominação da Rua Martinho Prado, CodLog 136140, no distrito da República, para "Rua Rosely Roth", e dá outras providências.

Art 1º - Fica alterada a denominação da Rua Martinho Prado, distrito da República, CodLog 136140, para Rua Rosely Roth.

Art 2º - As despesas decorrentes da execução desta lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Elaine do Quilombo Periférico

Vereadora

Matéria PL 599/2024. Documento assinado digitalmente por ELAINE CRISTINA MINEIRO em 16/08/2024. Sua validade pode ser conferida em https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Home/AbrirDocumento?pID=551511.

autuado por Anderson Rogério de Souza em 16/08/2024 17:55:37.

CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

12º GV - Vereadora Elaine do Quilombo Periférico

Justificativa

Rosely Roth foi uma mulher lésbica que nasceu em 1959, no bairro do Bom Retiro, em uma família de origem judaica. Estudou em diversos colégios, inclusive no colégio Scholem e no Colégio Equipe, onde cursou o científico entre 1975 e 1977, ambos colégios que resistiram e foram perseguidos pelo regime militar.

Em 1978, Rosely ingressou no ensino superior, cursando filosofia na Pontifícia Universidade Católica (PUC), onde se uniu ao Grupo Lésbico Feminista (LF), em 1981, no mesmo ano em que se formou. Em outubro do mesmo ano, junto de Miriam Martinho, fundou o Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF) e permaneceu neste até 1987. No GALF, Rosely, junto do grupo, promoveu: "[...] debates que visavam a visibilização e politização da lesbianidade; organização de eventos e debates com outros coletivos e figuras públicas e políticas; edição do boletim ChanaComChana; organização do Levante do Ferro's Bar; luta pra inserção de item contra a homofobia na nova Constituição; participação no programa da Hebe Camargo." (WAINER, Daniela). Com sua aparição na televisão, Rosely foi a primeira mulher lésbica que falou sobre lesbianidade em rede nacional.

Por conta de sua entrevista, o programa da Hebe foi ameaçado de censura e Rosely foi demitida da escola onde lecionava filosofia, devido aos pais dos alunos terem assistido ao programa. Além disso, Rosely era a única que ousava assinar as matérias do ChanacomChana com seu próprio nome, e por ser a única militante a falar abertamente em público sobre sua identidade sexual e de gênero, Rosely se tornou "a cara e a voz das lésbicas dos anos 80", momento em que o movimento homossexual - termo usado na época - estava se constituindo no Brasil.

Matéria PL 599/2024. Documento assinado digitalmente por ELAINE CRISTINA MINEIRO em 16/08/2024. Sua validade pode ser conferida em https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Home/AbrirDocumento?pID=551511.

autuado por Anderson Rogério de Souza em 16/08/2024 17:55:37.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

12º GV - Vereadora Elaine do Quilombo Periférico

Rosely começou a apresentar questões que atualmente seriam encaradas como um adoecimento psicológico a partir do II Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, sendo, posteriormente, internada 5 vezes, chegando a ficar na ala psiquiátrica do Hospital São Paulo. Depois disso, mudou-se para o Rio de Janeiro, indo morar com uma mulher chamada Vera, no bairro de Madureira.

Em 27 de agosto de 1990, após completar 31 anos, em meio a este contexto, Rosely veio a falecer. Seus dois familiares vivos, seu pai e sua irmã, faleceram menos de um ano depois e, somado a isso, a causa de sua morte fez com que o túmulo de Rosely não recebesse sua lápide.

As ações e trabalhos desenvolvidos por Rosely Roth foram fundamentais e notáveis para a história das mulheres lésbicas, tanto para as de São Paulo quanto para as do Brasil. Existem pesquisas acadêmicas, como a dissertação de Paula Silveira-Barbosa, "Trajetória na Imprensa Lésbica no Brasil (1981-1995): uma história possível para (re)-pensar o jornalismo", e a de Julia Kumpera, "O lesbianismo é um barato: GALF e o ativismo lésbicas-feminista no Brasil (1979-1990)".

Além de lutar incansavelmente pelos direitos das lésbicas, Rosely lutou por toda a comunidade LGBTQIAPN+ ao participar dos debates da constituinte e se somar aos esforços para inclusão de um item contra a homofobia na Constituição de 1988, o que não acabou ocorrendo. Rosely era defensora da causa do movimento negro, do movimento feminista, das travestis, era ecologista (termo utilizado na época), a favor do desarmamento nuclear, era anarquista e grande defensora dos movimento sociais como veículos de real transformação da sociedade.

A escolha do local para homenagear Rosely Roth foi realizada com base, tanto no fato de já haver um viaduto com o nome de Martinho Prado, atual nome da rua, quanto por este ser um logradouro relevante em sua atuação política. Na rua referida na propositura se encontrava o Ferro's Bar, referência tanto como espaço de convivência e lazer quanto de

Matéria PL 599/2024. Documento assinado digitalmente por ELAINE CRISTINA MINEIRO em 16/08/2024. Sua validade pode ser conferida em https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Home/AbrirDocumento?pID=551511.

autuado por Anderson Rogério de Souza em 16/08/2024 17:55:37.

CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

12º GV - Vereadora Elaine do Quilombo Periférico

construção de resistência para mulheres lésbicas na época. O bar foi um espaço de resistência na ditadura militar onde também eram vendidas edições do ChanaComChana.

No dia 19 de agosto de 1983 ocorreu um levante no Ferro's Bar, onde militantes do GALF, ativistas feministas, lésbicas, gays, políticos e defensores de direitos humanos e apoiadores da causa lésbica, organizaram um protesto contra a opressão e ações violentas que ocorriam no momento. O evento, que foi liderado por Rosely, ficou conhecido como "o nosso pequeno Stonewall", dando origem ao Dia do Orgulho Lésbico.

A Rua Martinho Prado abrigava, além do Ferro's bar, outros 2 bares de frequência lésbica: o Cachação e o Bixiguinha. Dessa forma, a rua pode ser considerada um verdadeiro marco para o movimento lésbico. O Ferro's bar foi indicado no relatório da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”, de 2015, que fosse resguardado como um espaço de resistência à ditadura e memória lésbica, porém nada foi feito. Além disso, na rua também está situado o Museu Judaico de São Paulo, que também já realizou homenagens à memória de Rosely Roth.

Matéria PL 599/2024. Documento assinado digitalmente por ELAINE CRISTINA MINEIRO em 16/08/2024. Sua validade pode ser conferida em https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Home/AbrirDocumento?pID=551511.